

Conto dos Irmãos Grimm
Os Dois Irmãos

Ilustrações de Joel Lobo



Cidade de
São José dos Campos
Prefeitura Municipal

Conto dos Irmãos Grimm

Os Dois Irmãos

Ilustrações de Joel Lobo



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal

Era uma vez dois irmãos, um rico e outro pobre. O rico era ourives e muito mau. O pobre se sustentava fabricando vassouras, e era bom e honesto. O pobre tinha dois filhos, que eram gêmeos e tão parecidos entre si como duas gotas de água. Os dois meninos freqüentavam bastante a casa do tio rico, e quase sempre conseguiam os restos da comida da casa. Certa vez, quando o pobre estava indo para a floresta buscar galhos caídos, ele viu um pássaro todo dourado e mais bonito do que qualquer outro que já vira. Ele pegou uma pedra pequena, atirou-a no pássaro, e teve bastante sorte de atingi-lo, mas apenas uma pena dourada caiu, enquanto o pássaro voou para longe. O homem pegou a pena e a levou ao seu irmão, que a olhou e disse:

– Isso é ouro puro!

E lhe deu uma grande quantia de dinheiro pela pena. No dia seguinte, o homem havia subido numa bétula e estava prestes a cortar um galho quando o mesmo pássaro do dia anterior passou voando por ali. O homem tanto procurou que achou um ninho, onde havia um ovo de ouro. Ele levou o ovo consigo para casa, e depois o levou até o irmão, que disse de novo:

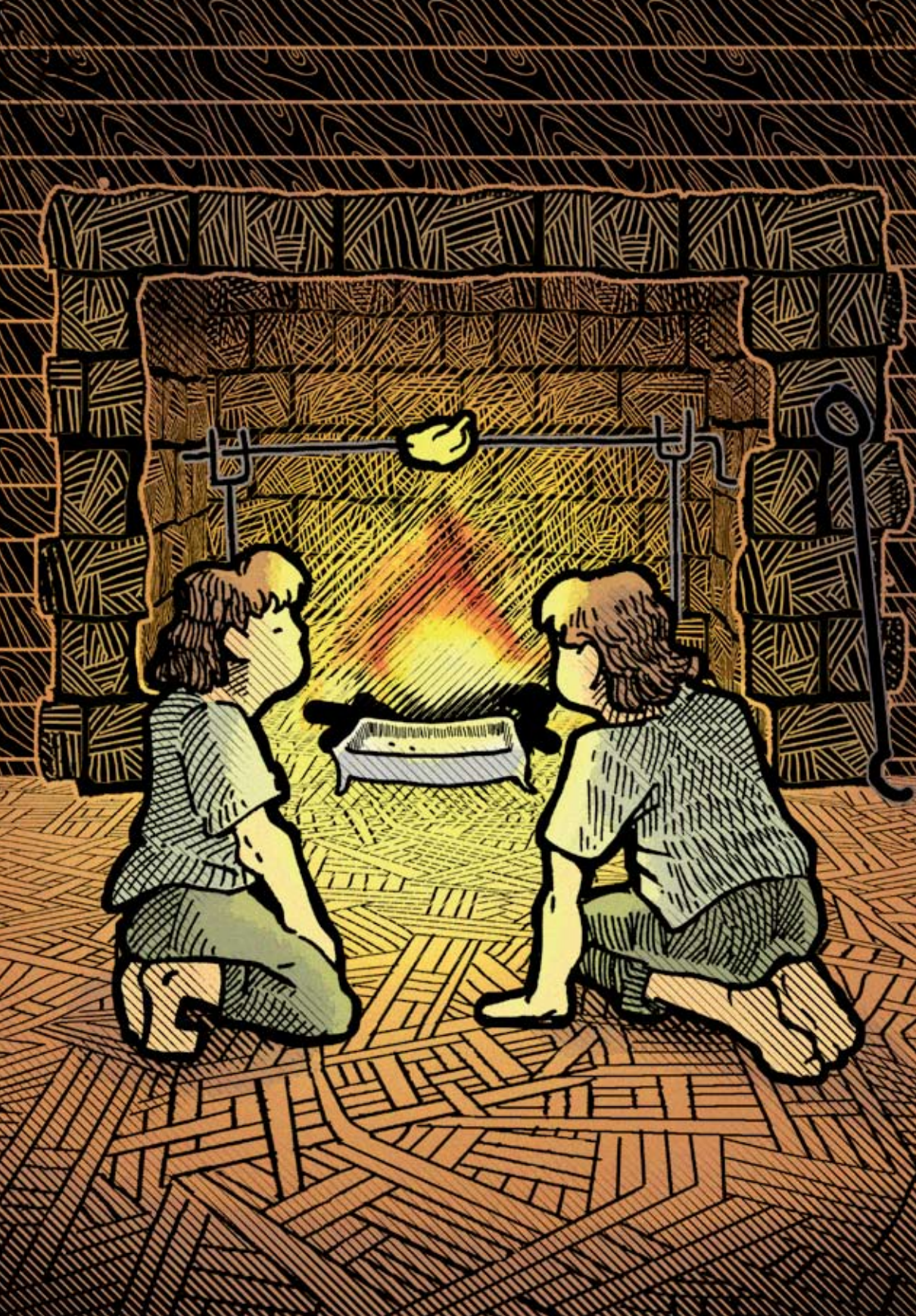
– Isso é ouro puro.

E lhe deu a quantia que a peça valia.

– Eu gostaria muito de possuir esse pássaro – falou o ourives, ambicioso que era.

O pobre homem foi para a floresta pela terceira vez, e de novo viu o pássaro dourado pousado numa árvore; então ele pegou uma pedra e atingiu-o, fazendo-o cair, e o levou a seu irmão, que deu uma grande soma de ouro pelo pássaro.

– Agora eu poderei viver mais folgadoamente – pensou o pobre homem, e voltou contente para casa.



O ourives era esperto e ardiloso, e sabia muito bem que tipo de pássaro era aquele. Ele chamou sua esposa e disse-lhe:

– Asse-me esse pássaro dourado, e tome cuidado para que nada seja perdido. Eu quero comê-lo inteirinho.

O pássaro, entretanto, não era uma ave comum, mas de um tipo tão maravilhoso que quem quer que comesse seu coração e seu fígado acharia toda manhã uma moeda de ouro embaixo do travesseiro. A mulher temperou o pássaro, enfiou-o num espeto e colocou-o para assar no fogo. Mas aconteceu que enquanto ele assava, ela teve de sair da cozinha para fazer outro trabalho; nisso, os dois filhos do pobre vassoureiro chegaram, e pararam bem em frente do assado. E como exatamente naquele momento dois pedacinhos da ave caíram na bandeja da grelha, um dos meninos disse:

– Vamos comer essas duas migalhas; eu estou morrendo de fome, e ninguém vai sentir falta delas.

Puseram-se a comer, mas a mulher voltou à cozinha e viu que eles estavam mastigando alguma coisa e perguntou:

– O quê vocês estão comendo?

– Dois pequenos bocados que caíram na bandeja – responderam eles.

– Devem ter sido o coração e o fígado – disse a mulher, bastante assustada, e para que o marido não desse pela falta deles e ficasse bravo, ela matou um frangote, tirou-lhe o coração e o fígado, e colocou-os ao lado do pássaro dourado.

Quando ficou pronto, ela o serviu ao ourives, que o comeu todo sozinho, não deixando uma migalha sequer. Na manhã seguinte, entretanto, quando ele procurou por uma peça de ouro debaixo do travesseiro, não encontrou nada.

Os dois meninos não sabiam que a boa fortuna havia entra-

do em seus destinos. Na manhã seguinte, quando acordaram, algo caiu retinindo no chão, e quando eles pegaram, viram que eram duas moedas de ouro. Eles as levaram a seu pai, que ficou perplexo e disse:

– Como isso pode ter acontecido?

No dia seguinte, acharam mais duas moedas, e dali em diante todos os dias encontravam novas moedas. O vassoureiro foi até seu irmão e contou-lhe o estranho acontecimento. O ourives percebeu na hora tudo o que havia acontecido, e que as crianças haviam comido o coração e o fígado do pássaro dourado, e para se vingar, e porque ele era invejoso e maldoso, ele disse para o pai:

– Seus filhos têm parte com o Diabo, não pegue o ouro deles, e não permita que eles fiquem em sua casa, porque estão em poder do Diabo, e pode ser que Ele lhe tome também.

O pai tinha medo do Diabo e, por mais doloroso que fosse, levou os gêmeos para a floresta e os deixou lá com o coração apertado.

E então os meninos andaram pela floresta, e procuraram o caminho de volta para casa, mas não o puderam achar, e apenas perderam-se cada vez mais. Por fim eles encontraram um caçador, que perguntou:

– A quem vocês pertencem?

– Nós somos filhos do pobre vassoureiro – responderam eles, e disseram que o pai não os queria em casa porque toda manhã surgiam duas moedas de ouro debaixo dos seus travesseiros.

– Venham – disse o caçador, – isso não é tão ruim assim, se vocês se mantiverem honestos e não se tornaram preguiçosos.

Como o bom homem gostava de crianças, e não tinha filhos, levou os meninos para casa e disse-lhes:

– Eu serei o pai de vocês, e cuidarei de vocês até que estejam crescidos.

Eles aprenderam a arte da caça com ele, e as moedas de ouro que eram encontradas ao acordar eram guardadas no caso de precisarem delas no futuro.

Depois que eles cresceram, o pai adotivo certo dia os levou para a floresta e disse-lhes:

– Hoje vocês farão a prova do tiro; veremos se são aprovados e tornam-se verdadeiros caçadores.

Eles aguardaram ali por muito tempo, mas nenhuma caça aparecia. O caçador, no entanto, olhou para cima e viu um bando de gansos selvagens voando em forma de triângulo, e disse para um deles:

– Acerte um de cada canto.

Ele assim o fez, e foi aprovado no teste. Logo depois passou um outro bando voando na forma de um número dois, e o caçador mandou o outro acertar um de cada canto, e seu teste também foi realizado com sucesso.

– Agora – disse o pai adotivo – eu os declaro emancipados; vocês já são caçadores experientes.

Então os dois irmãos foram juntos para a floresta e planejaram alguma coisa. E ao anoitecer, quando eles iam jantar, disseram ao pai adotivo:

– Nós não tocaremos na comida ou na bebida enquanto não nos tiver concedido um pedido.

O caçador disse:

– Qual é esse pedido?

Eles responderam:

– Agora que nós terminados o aprendizado, queremos conhecer o mundo; permita-nos então ir e viajar.

Então falou o velho cheio de alegria:

– Vocês falam como verdadeiros caçadores! Isso que vocês pedem sempre foi meu desejo; adiante, pois, e que tudo ocorra bem com vocês.

Depois comeram e beberam juntos alegremente.

Quando chegou o dia marcado, o pai adotivo presenteou cada um deles com uma arma e um cão, e deixou que cada um pegasse o que quisesse das moedas de ouro que haviam guardado. Então ele os acompanhou durante parte do caminho, e, antes de deixá-los, deu-lhes uma faca brilhante, e disse:

– Se vocês se separarem algum dia, espetem essa faca numa árvore bem no lugar da separação, e quando um de vocês voltar, poderá ver como o irmão está indo, pois o lado da faca que aponta para o lado onde ele foi irá enferrujar se ele morrer, mas ficará brilhante se ele continuar vivo.

Os dois irmãos caminharam mais um tanto, e chegaram a uma floresta que era tão extensa que era impossível sair dela em apenas um dia. Eles passaram a noite ali, e comeram o que haviam trazido de casa nos alforjes. Eles andaram durante todo o dia seguinte e ainda assim não conseguiram sair da floresta. Como não tinham mais nada para comer, um deles disse:

– Nós precisamos caçar alguma coisa para nós, do contrário morreremos de fome.

E preparou sua arma, olhando ao redor. Quando uma velha lebre passou correndo por perto, ele preparou-se para atirar, mas a lebre suplicou:



“Caro caçador, deixe-me viver,
Dois filhotes a ti eu darei.”

E embrenhou-se imediatamente numa moita, e trouxe duas jovens lebres. Mas as pequenas criaturas brincavam tão alegremente, e eram tão bonitinhas, que os caçadores nem sequer pensaram em matá-las. Eles as levaram consigo, e as lebres os seguiam de perto. Pouco depois, uma raposa passou rastejando; eles estavam a ponto de acertá-la quando a raposa suplicou:

“Caro caçador, deixe-me viver,
Dois filhotinhos também eu darei.”

Ela também trouxe dois filhotes, e os caçadores igualmente não quiseram matá-los, mas os juntaram às lebres, e continuaram a viagem. Não muito depois, um lobo saiu da moita; os caçadores se aprontaram para atirar nele, mas ele suplicou:

“Caro caçador, deixe-me viver,
Dois filhotinhos eu também darei.”

Os caçadores colocaram os dois lobinhos ao lado dos outros bichos, e todos eles seguiam os dois irmãos. Logo apareceu um urso que queria caminhar mais um pouco por este mundo, e implorou:

“Caro caçador, deixe-me viver,
Dois pequenos ursos eu te darei.”

Os dois ursinhos foram integrados ao resto, e já haviam oito deles. E sabem quem chegou por fim? Um leão, sacudindo sua juba. Mas os caçadores não ficaram apavorados e almejaram matá-lo, mas o leão também disse:

“Caro caçador, deixe-me viver,
Dois leõezinhos eu te darei.”

E ele trouxe dois filhotes de leão, e agora os caçadores tinham dois leões, dois ursos, dois lobos, duas raposas e duas le-

bres, que os seguiam e os serviam. No entanto, a fome deles não havia passado, e eles disseram às raposas:

– Vamos, amigos espertos, achem-nos alguma coisa para comer. Vocês são engenhosos e inteligentes.

As raposas responderam:

– Não muito longe daqui há uma aldeia, da qual já trouxemos muitas aves; nós iremos mostrar o caminho.

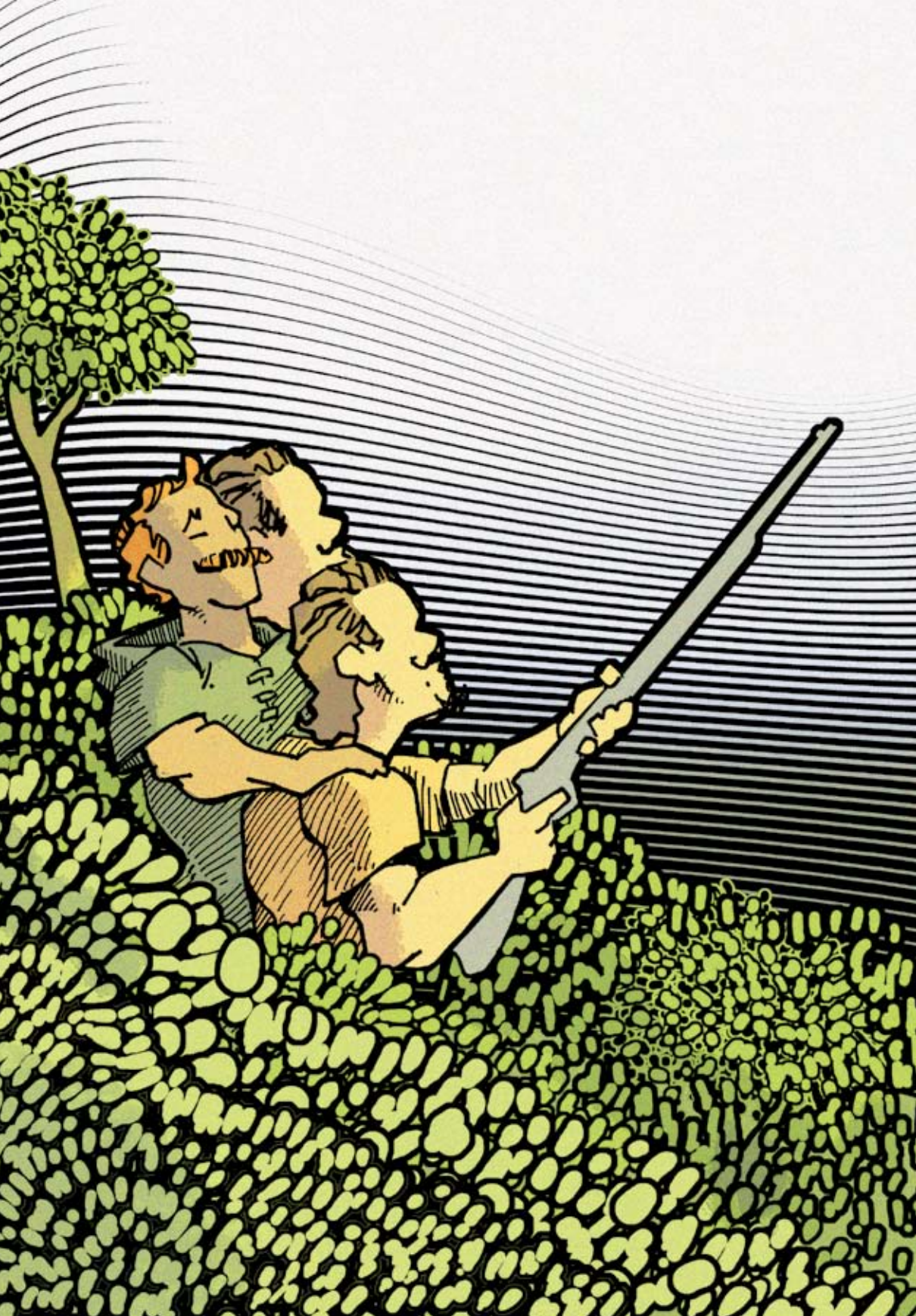
Então eles foram para a aldeia, compraram algo para comer, deram também um pouco de comida aos animais, e puseram-se novamente a viajar. As raposas conheciam aquela região muito bem e sabiam onde haviam armadilhas de caça, e podiam assim guiar os caçadores.

Eles viajaram por um tempo, mas não puderam achar serviço para os dois juntos, então resolveram:

– Não há outra solução, devemos nos separar.

Eles dividiram os animais, de forma que cada um ficou com um leão, um urso, um lobo, uma raposa e uma lebre, e então se separaram, prometendo se amar como irmãos até a morte, e enfiaram a faca, que o pai adotivo lhes havia dado, no tronco duma árvore; então um foi para o leste e o outro para o oeste.

O mais novo chegou com seus animais a uma cidade que estava toda paramentada de luto. Ele se dirigiu a uma pousada, e perguntou ao hospedeiro se podia acomodar os animais. O dono da pousada lhe cedeu um estábulo, onde havia um buraco na parede. Assim a lebre pôde sair e colher um pé de repolho; já a raposa devorou uma galinha, e não satisfeita, comeu também o galo. Mas o lobo, o urso e o leão eram muito grandes para passar pelo buraco. Então o dono da pousada os levou a um lugar onde havia uma vaca espichada na grama, para que eles pudessem comer até se satisfazer. E quando o caçador ter-



minou de cuidar dos bichos, ele perguntou ao hospedeiro porque a cidade estava toda coberta de preto. O hospedeiro disse:

– Porque a única filha do nosso rei vai morrer amanhã.

O caçador perguntou se ela tinha uma doença fatal.

– Não – disse o hospedeiro – ela é forte e saudável, mas mesmo assim vai morrer.

– Por quê? – perguntou o caçador.

– Há uma colina alta fora da cidade, onde mora um dragão que todo ano precisa devorar uma virgem, do contrário ele devasta todo o país. E agora todas as donzelas já foram dadas a ele, e não há mais nenhuma senão a filha do rei, mas não há misericórdia para ela. Ela deve ser entregue ao dragão, e isso vai acontecer amanhã.

O caçador disse:

– Por quê não matam o dragão?

– Ah – disse o hospedeiro – muitos cavaleiros bem que o tentaram, mas a todos lhes custou a vida. O rei prometeu que aquele que conseguir vencer o dragão poderá se casar com a princesa e, dessa forma, se tornar o herdeiro legítimo do trono.

O caçador não falou mais sobre o assunto, mas na manhã seguinte pegou os animais e com eles subiu a colina do dragão. Havia uma pequena capela bem no topo da colina, e no altar haviam três copos cheios, com a inscrição: “Quem esvaziar esses copos se tornará o homem mais forte do mundo, e será capaz de manejar a espada que está enterrada sob o limiar da entrada.” O caçador não bebeu; foi até a entrada e viu a espada, mas não conseguiu movê-la do lugar. Então ele voltou ao altar e esvaziou os copos, e agora sim estava forte o bastante para pegar a espada, e podia manejá-la com facilidade. Quando chegou a hora em que a donzela seria entregue ao dragão, o rei, o

duque, e a corte acompanharam-na. De longe ela viu o caçador na colina do dragão, e pensou que fosse o próprio dragão aguardando-a, e não queria subir a colina; mas por fim, ela foi forçada a fazer a infeliz jornada, senão a cidade inteira seria destruída. O rei e a corte voltaram para casa cheios de dor e pesar. O duque, no entanto, permaneceu ali, para ver tudo à distância.

Quando a filha do rei alcançou o topo da colina, viu que não era o dragão que lá estava, mas o jovem caçador, que a consolou, e disse que ele a salvaria, e a conduziu para dentro da capela, e a trancou lá dentro. Pouco depois, o dragão de sete cabeças chegou ali fazendo muito barulho. Quando notou o caçador, ficou perplexo e disse-lhe:

– O quê você está fazendo aqui?

O caçador respondeu:

– Vim para lutar com você.

O dragão disse:

– Muitos cavaleiros deixaram suas vidas aqui, eu darei cabo de você também.

E soltou fogo pelas setes bocas. O fogo teria sufocado o caçador no calor e na fumaça, mas os animais vieram correndo e apagaram o incêndio. Então o dragão investiu contra o caçador, mas este ergueu sua espada e decepou três das cabeças do monstro. Aí o dragão ficou furioso, levantou-se nos ares, e cuspiu labaredas de fogo sobre o caçador, e estava prestes a se atirar sobre ele, mas o caçador novamente levantou a espada e cortou mais três cabeças. O monstro ficou fraco e desceu à terra, mas se preparava para investir novamente contra o adversário. O caçador, num último esforço, cortou-lhe a cauda. Sem mais poder lutar, chamou seus animais e ordenou-lhes que fi-

zessem o dragão em pedaços. Quando o duelo estava acabado, o caçador destrancou a capela, e encontrou a princesa estirada no chão, pois que ela havia desmaiado de medo e aflição durante a luta. Ele a levou para fora, e quando ela voltou a si e abriu os olhos, ele lhe mostrou o dragão reduzido a pedaços, e lhe disse que ela estava salva. Ela se regozijou e disse:

– Agora você será meu querido marido, pois meu pai prometeu-me para aquele que matasse o dragão.

Então ela pegou seu colar de corais e dividiu-o entre os animais para recompensá-los, e o leão recebeu o fecho de ouro. Mas seu lenço, no qual estava escrito seu nome, ela o deu ao caçador; ele cortou as sete línguas do dragão, enrolou-as no lenço, e guardou-as cuidadosamente.

Isso feito, como ele estava muito fraco e cansado devido ao fogo e à batalha, ele disse à donzela:

– Nós dois estamos cansados e fracos, durmamos um pouco.

Então ela disse:

– Sim.

E eles se deitaram no chão, e o caçador disse ao leão:

– Você deve ficar alerta, para que nenhuma surpresa aconteça enquanto dormimos – e os dois dormiram.

O leão deitou-se ao lado deles para vigiar, mas ele também estava tão cansado por causa da luta, que chamou o urso e disse-lhe:

– Deite-se aqui ao lado, eu preciso dormir um pouco; se alguém vier, me acorde.

Então o urso deitou-se ao lado do leão, mas ele também estava cansado, e chamou o lobo e disse-lhe:

– Deite-se aqui ao lado, eu preciso dormir um pouco; mas se alguém vier, me acorde.

O lobo obedeceu, mas estava igualmente cansado, e chamou a raposa e disse-lhe:

– Deite-se aqui ao lado, eu preciso dormir um pouco; mas se alguém vier, me acorde.

A raposa assim o fez, porém também estava extenuada, e chamou a lebre e disse-lhe:

– Deite-se aqui ao lado, eu preciso dormir um pouco; mas se alguém vier, me acorde.

A lebre obedeceu, mas a pobre estava também muito cansada, e não tinha ninguém a quem ordenasse ficar em alerta. Acabou adormecendo. E agora a princesa, o caçador, o leão, o urso, o lobo, a raposa e a lebre dormiam profundamente. O duque, no entanto, que ficara para ver à distância, quando viu que o dragão não havia saído voando com a donzela, tomou coragem e subiu a colina. Lá encontrou o dragão morto e cortado em pedaços, e não longe dali viu a filha do rei com o caçador e os animais, todos eles dormindo a sono solto. E, como ele era perverso e malvado, pegou sua espada e decepou a cabeça do caçador, agarrou a donzela e a carregou colina abaixo. Quando ela acordou, assustou-se muito, mas o duque disse:

– Você está em minhas mãos, portanto deve dizer que fui eu quem matou o dragão.

– Eu não posso fazer isso – respondeu ela. – Pois foi um caçador com seus animais que o fizeram.

Mas o duque apontou-lhe a ponta da espada, ameaçando mata-la se não o obedecesse, e a compeliu a prometer que assim faria. Então ele a levou até o rei, que não sabia como conter sua alegria quando viu sua filha viva. O duque disse-lhe:

– Eu matei o dragão, e libertei a donzela e todo o reino, portanto exija-a como esposa, como foi prometido.



O rei perguntou à filha:

– É verdade?

– Ah, é sim – respondeu ela. – Com certeza é verdade, mas eu não consentirei em casar-me antes de um ano e um dia.

Ela pensava que dessa forma teria tempo de saber o que ocorreria ao seu querido caçador.

Os animais, entretanto, ainda estavam dormindo ao lado de seu dono decapitado na colina do dragão, até que uma grande abelha veio pousar no nariz da lebre; a lebre a afastou com a pata, e voltou a dormir. A abelha pousou uma segunda vez, mas a lebre a afastou de novo com a pata e voltou a dormir. Então a abelha pousou pela terceira vez e picou o nariz da lebre, acordando-a. Assim que despertou, ela chamou a raposa, e a raposa chamou o lobo, o lobo o urso, e o urso o leão. E quando o leão acordou e viu que a donzela havia desaparecido e seu dono decapitado, ele começou a rugir estrondosamente e chorar:

– Quem fez isso? Urso, por que você não me acordou?

O urso perguntou para o lobo:

– Lobo, por que você não me acordou?

E o lobo para a raposa:

– Por que você não me acordou?

E a raposa para a lebre:

– Por que você não me acordou?

A pobre lebre não sabia o que responder, e a culpa recaiu sobre ela. Os outros todos queriam matá-la, mas ela disse:

– Não me matem. Eu trarei nosso dono à vida novamente. Conheço uma montanha onde cresce uma raiz mágica, a qual, quando colocada na boca de alguém, cura qualquer ferida e

machucado. Mas a montanha fica a duzentas horas de viagem daqui.

O leão disse:

– Você tem vinte e quatro horas para correr até lá e voltar com a raiz.

E então a lebre partiu em disparada, e vinte e quatro horas depois estava de volta com a raiz. O leão colocou a cabeça do caçador no lugar, enquanto a lebre colocava a raiz na boca dele; imediatamente tudo foi unido, e o coração começou a bater, e a vida refluíu ao corpo. Ao acordar, o caçador ficou alarmado ao perceber que a donzela não estava por perto, e pensou: “Ela deve ter fugido quando eu dormia, para se livrar de mim”. O leão, na sua tremenda pressa, havia colocado a cabeça do seu dono do lado errado, mas o caçador não percebia por causa de seus tristes pensamentos a respeito da princesa. Ao meio-dia, quando ele foi comer alguma coisa, ele notou que sua cabeça estava virada para trás, e não conseguia entender a razão disso. Perguntou aos animais o que acontecera quando ele estava dormindo. O leão contou-lhe que eles também haviam caído no sono pesado, e ao acordar haviam visto-o com a cabeça decepada, e que a lebre correria em busca da raiz curadora, e que ele, em sua pressa, colocara a cabeça na direção errada, mas que corrigiria o erro. Então ele arrancou a cabeça do caçador, virou-a, e a lebre curou-o com a raiz.

O caçador, no entanto, estava triste, e viajou pelo mundo, e vivia de apresentar seus animais em público. Aconteceu que após um ano ele voltou à mesma cidade onde libertara a princesa das garras do dragão, e dessa vez a cidade estava toda enfeitada de vermelho. Ele perguntou ao hospedeiro:



– O que significa isso? Ano passado a cidade estava coberta de preto e hoje vejo-a toda de vermelho. O que está acontecendo?

O hospedeiro respondeu:

– Ano passado a nossa princesa estava para ser entregue ao dragão, mas o duque lutou com o monstro e o matou, e amanhã o casamento será realizado, e por isso a cidade está hoje toda enfeitada de vermelho, em júbilo.

No dia seguinte, quando seria realizado o casamento, o caçador disse ao meio-dia para o dono da pousada:

– Você acredita, caro hospedeiro, que eu comerei hoje pão da mesa do rei, mesmo estando aqui com você?

– Não – disse o hospedeiro – eu aposto cem moedas de ouro que isso não acontecerá.

O caçador aceitou a aposta. Ele chamou a lebre e disse-lhe:

– Vai, minha cara corredora, e traga-me um pouco do pão que o rei está comendo.

Ora, a lebre era o menor dos animais, e não podia transferir a ordem para nenhum dos outros, tinha que se virar por si própria. “Minha nossa!”, pensou ela, “se eu correr pelas ruas sozinha, os cães virão atrás de mim.” Aconteceu como ela pensava, e os cães perseguiram-na, com vontade de arrancar sua boa pelúcia. Mas ela correu mais; vocês já viram uma lebre correndo? Ela se escondeu numa guarita sem que o soldado percebesse. Os cães vieram e ficaram ao redor latindo e rosnando, mas o soldado não estava para brincadeiras e espantou-os para longe dali. Assim que a lebre viu que o caminho estava limpo, correu até o castelo e foi até a princesa, sentou-se embaixo da sua cadeira, e arranhou-lhe o pé. A princesa disse:

– Vá embora! – pensando que fosse o seu cachorro.

A lebre arranhou-a pela segunda vez, e a princesa disse novamente:

– Vá embora!

Mas a lebre não desistiu de sua meta, e arranhou-a pela terceira vez. Aí a princesa deu uma espiada embaixo da cadeira, e reconheceu a lebre pela coleira, que outrora fora seu colar. Ela a pegou no colo, levou-a ao seu quarto, e disse-lhe:

– Querida lebre, o que você quer?

A lebre respondeu:

– Meu dono, que matou o dragão, está aqui na cidade, e me enviou aqui para pedir um pedaço do pão que o rei está comendo.

A princesa encheu-se de alegria, chamou o padeiro e ordenou-lhe que trouxesse uma fatia do mesmo pão que o rei comia. A lebre disse então:

– Mas o padeiro é quem deverá levar o pão, para que os cães não me causem dano.

E assim o padeiro levou o pão até a porta da hospedaria, e ali a lebre ficou sobre as patas traseiras, pegando o pão com as dianteiras, e levou-o até o seu dono. O caçador, ao vê-la, disse:

– Veja só, caro hospedeiro, as cem moedas de ouro são minhas!

O hospedeiro estava perplexo, mas o caçador logo começou a dizer:

– Sim, caro hospedeiro, eu tenho o pão, mas agora eu terei igualmente um pouco da carne assada do rei.

O hospedeiro disse:

– Eu gostaria de ver tal coisa – mas ele não apostaria mais nada.

O caçador chamou a raposa e disse-lhe:

– Minha pequena raposa, vá e traga-me um pouco da carne assada que o rei come.

A raposa ruiva conhecia muito bem os atalhos, e foi por buracos e esquinas sem que nenhum cão a avistasse. Foi se sentar embaixo da cadeira da princesa, e arranhou-lhe o pé. A princesa olhou para baixo e reconheceu a raposa pela coleira, e a levou para o quarto e perguntou-lhe:

– Querida raposa, o que você quer?

A raposa respondeu:

– O meu dono, que matou o dragão, está na cidade, e me enviou aqui para pedir um pouco da carne assada que come o rei.

A princesa então chamou o cozinheiro, e ordenou que trouxesse um pedaço do assado da mesa do rei e fosse com a raposa leva-lo até a porta da hospedaria. Ali a raposa pegou o prato, espantou com sua cauda as moscas que haviam pousado no carne, e entregou-o ao dono.

– Veja só, caro hospedeiro – disse o caçador – tenho aqui pão e carne, mas agora eu também quero verduras apropriadas à refeição, iguais àquelas que come o rei.

Então ele chamou o lobo e disse-lhe:

– Caro lobo, vá e traga-me um pouco das verduras preparadas para o rei.

O lobo foi direto ao castelo, sem ter medo de ninguém, e ao encontrar a princesa, puxou-lhe o vestido. Ao olhar, ela reconheceu o lobo pela coleira, e disse:

– Querido lobo, o que você deseja?

Ele respondeu:

– Meu dono, que matou o dragão, está na cidade, e eu estou aqui para pedir um pouco da verdura servida ao rei.

A princesa mandou vir o cozinheiro, e ordenou que arranjasse um pouco da verdura servida ao rei, e a levasse até a porta da pousada para o lobo. Ali, o lobo pegou o prato e o entregou a seu dono.

– Veja só, caro hospedeiro – disse o caçador – agora eu tenho pão, carne e verduras, mas eu terei também a sobremesa feita para o rei.

Ele chamou o urso e disse-lhe:

– Caro urso, você que gosta de lambiscar doces; vá e traga-me um dos doces que são servidos ao rei.

O urso correu até o castelo, e todos fugiram de seu caminho; mas quando passou pelos guardas, estes lhe mostraram os mosquetes, e não estavam dispostos a deixá-lo entrar no castelo real. Mas o urso se levantou sobre as patas traseiras, e com as suas manoplas distribuiu alguns tapas à direita e à esquerda, de forma que o esquadrão se abriu e ele pode passar tranqüilamente. Ele foi até a princesa, ficou a seu lado e rosnou um pouco. Ela então olhou para ele, reconheceu-o, conduziu-o até seu quarto e perguntou-lhe:

– Querido urso, o que você deseja?

Ele respondeu:

– Meu dono, que matou o dragão, está na cidade, e eu vim pedir um doce dos que são servidos ao rei.

Então a princesa chamou o doceiro e ordenou que pegasse um doce da mesa do rei e o levasse até a porta da hospedaria; o urso pegou o prato e farejou o doce, antes de entrar e entregá-lo ao dono.

– Veja só, caro hospedeiro – disse o caçador. – Agora eu tenho pão, carne, verduras e sobremesa, mas eu também vou beber um pouco do vinho que o rei bebe.



Ele chamou o leão e disse:

– Caro leão, bem sei que você que gosta de beber; vá e traga-me um pouco do vinho que o rei bebe.

Então o leão correu pelas ruas da cidade, e o povo fugia dele espavorido, e quando ele passou pelos guardas, eles tentaram detê-lo, mas bastou um rugido para que desistissem da idéia. O leão foi até o quarto da princesa e bateu à porta com sua cauda. A princesa foi abrir, e assustou-se com o leão, mas logo reconheceu o fecho de ouro de seu colar, e permitiu que ele entrasse no quarto, e perguntou-lhe:

– Querido leão, qual é o seu desejo?

Ele respondeu:

– O meu dono, que matou o dragão, está aqui na cidade, e eu vim pedir um pouco do vinho que o rei bebe.

Então a princesa mandou chamar o copeiro e ordenou-lhe que desse do vinho real para o leão. Este disse:

– Eu irei com ele até a adega, para ver se ele pega o vinho certo.

Então ele foi com o copeiro até a adega e, quando estavam lá embaixo, o copeiro quis dar-lhe um tipo comum de vinho que era bebido pelos servos, mas o leão interveio:

– Pare. Eu provarei primeiro – e bebeu, mas cuspiu fora após o primeiro gole. – Não, esse não é o certo.

O copeiro olhou para ele surpreso, e se dirigiu a outro barril, com o vinho que se servia ao duque.

– Pare. Deixe-me provar primeiro – e bebeu meio copo. – Este é melhor, mas ainda não é o certo – disse o leão.

Aí o copeiro ficou impaciente e disse:

– Como um animal estúpido como você pode entender de vinhos?

Mas o leão deu-lhe tal tapa na orelha, que o fez cair no chão de maneira nada elegante. Ao levantar-se, ele conduziu silenciosamente o leão até um pequeno porão, onde era guardado o vinho do rei, do qual nunca ninguém mais bebia. O leão bebeu meio copo daquele vinho e disse que aquele era o certo, e então ordenou que o copeiro enchesse seis garrafas. Depois subiram, mas logo que saíram da adega para o ar livre o leão cambaleou um tanto, pois já estava bêbado, e o copeiro foi obrigado a levar as garrafas até a porta da hospedaria, onde o leão as pegou e entregou a seu dono. O caçador disse:

– Veja só, caro hospedeiro, aqui eu tenho pão, carne, verduras, sobremesa e vinho, igual ao rei, e agora irei jantar com meus animais.

E sentou-se e comeu e bebeu, e deu à lebre, à raposa, ao lobo, ao urso e ao leão de comer e beber. Ele estava muito feliz, porque sabia que a princesa ainda o amava. Quando terminou a refeição, ele disse:

– Caro hospedeiro, agora que eu comi e bebi da mesma forma que o rei come e bebe, irei à corte real e me casarei com a princesa.

O hospedeiro perguntou:

– Como isso é possível, se a princesa já está comprometida, e o casamento será realizado hoje?

Então o caçador pegou o lenço que lhe havia sido dado pela princesa na colina do dragão, com o qual ele havia embrulhado as sete línguas do monstro, e disse:

– O que eu tenho em mãos irá me ajudar a fazê-lo.

O dono da pousada olhou para o lenço e replicou:

– Posso acreditar em qualquer coisa, menos nisso; aposto minha casa e meu quintal que isso não acontecerá.



O caçador pegou uma bolsa com cem moedas de ouro e a colocou na mesa, dizendo:

– Pois eu aposto isso.

O rei perguntou à sua filha, durante a refeição:

– O quê aqueles animais selvagens que ficavam entrando e saindo do meu castelo queriam de você? Ela respondeu:

– Eu não lhe direi, mas mande chamar o dono desses animais, que fará bem.

O rei mandou um mensageiro até a pousada, e convidou o estrangeiro; o mensageiro chegou justamente na hora em que o caçador havia selado a aposta com o hospedeiro. O caçador disse então:

– Veja só, caro hospedeiro, agora o rei envia o seu mensageiro a me convidar, mas eu não irei desta forma.

E disse para o mensageiro:

– Eu peço que o rei me envie uma roupa real, uma carruagem com seis cavalos, e serviços à minha disposição.

Quando o rei ouviu essa resposta, disse a sua filha:

– O que devo fazer?

Ela disse:

– Faça o que ele pede, que fará bem.

Então o rei mandou uma roupa real, uma carruagem com seis cavalos e serviços. Quando este os viu chegando, disse:

– Veja só, caro hospedeiro, agora eu estou apropriadamente preparado.

E vestiu a roupa real, pegou o lenço com as línguas do dragão, e dirigiu-se ao castelo do rei. Quando o rei o viu chegando, perguntou a sua filha:

– Como devo recebê-lo?

Ela respondeu:

– Vá encontrá-lo, que fará bem.

Então o rei foi encontrá-lo e o conduziu para dentro, e os animais o seguiram. O rei deu-lhe um lugar à mesa perto dele e da princesa; o duque, que na qualidade de noivo, estava sentado à frente, não o reconheceu. Naquele exato momento, as sete cabeças do dragão eram exibidas como espetáculo, e o rei disse:

– As sete cabeças do dragão foram decepadas pelo duque, por isso hoje ele está se casando com minha filha.

O caçador se levantou, abriu as sete bocas, e perguntou:

– Onde estão as línguas do dragão?

O duque assustou-se, e ficou pálido, sem encontrar resposta, até que resolveu dizer:

– Dragões não possuem línguas.

O caçador disse:

– Mentirosos é que não deviam possuir línguas, mas as línguas dos dragões são os troféus do vencedor.

E desembrulhou o lenço, onde estavam as sete línguas. Em seguida, colocou cada língua em sua respectiva boca, encaixando-as perfeitamente. Então pegou o lenço onde estava bordado o nome da princesa e mostrou-o à donzela, perguntando-lhe a quem ela havia dado aquele lenço. Ela respondeu:

– Eu dei para o homem que matou o dragão.

E então o caçador chamou seus animais e pegou o colar do pescoço de cada um deles e também o fecho de ouro do leão, e mostrou-os à donzela, perguntando a quem haviam pertencido. Ela respondeu:

– Eram meus, mas eu os dividi entre os animais que ajudaram a matar o dragão.

O caçador então disse:

– Quando eu, cansado da luta, estava descansando e dor-

mindu, o duque veio e cortou minha cabeça. E aí levou a princesa, e espalhou que fora ele quem matara o dragão, mas eu provei que não passa de mentira. As línguas, o lenço e os colares provam o que eu digo.

E então ele contou como os animais o haviam curado através de uma raiz mágica, e como havia viajado com eles durante um ano inteiro até voltar àquela cidade e ficar sabendo da traição do duque através da história do dono da pousada. O rei perguntou à sua filha:

– É verdade que foi esse homem quem matou o dragão?

E ela respondeu:

– Sim, é verdade. Agora eu posso revelar a má ação do duque, já que veio à luz sem que eu isso causasse, pois ele me obrigou a prometer silêncio sobre o caso. Foi por esta razão que eu exigi que o casamento só se realizasse após um ano e um dia.

Então o rei chamou doze conselheiros para que julgassem o caso do duque, e eles decidiram que o duque seria esquartejado por quatro touros. O duque foi portanto executado, e o rei deu a mão de sua filha ao caçador, e o nomeou vice-rei de todo o reino. O casamento foi realizado com grande alegria, e o jovem príncipe fez com que viessem o seu pai e o seu pai adotivo, e os encheu de muitos tesouros. Ele também não esqueceu o dono da pousada, e foi até ele:

– Veja só, caro hospedeiro, casei-me com a filha do rei, e sua casa e seu quintal são agora meus.

O hospedeiro respondeu:

– Sim, de acordo com a justiça, eles são seus.

Mas o jovem príncipe disse:

– Será feito de acordo com a clemência: fique com a casa e o quintal.

E ainda lhe deu as mil moedas de ouro.

O jovem príncipe e a princesa viviam muito felizes juntos. Ele freqüentemente saía para caçar, seu divertimento predileto. Os animais sempre o acompanhavam. No entanto, havia nas redondezas uma floresta que diziam ser mal-assombrada, e quem quer que lá entrasse, nunca mais saía. Mas o jovem príncipe teve uma grande vontade de ir lá, e não deixou o velho rei em paz até que lhe desse a permissão. Então ele foi com uma grande comitiva, e logo ao entrar na floresta, viu um cervo branco como a neve. Então ele disse:

– Aguardem aqui o meu retorno, eu quero alcançar aquela bela criatura.

E correu atrás do bicho, seguido apenas pelos animais. Os da comitiva ficaram esperando até o anoitecer, mas ele não voltou; resolveram retornar ao castelo e contar à princesa que o príncipe havia ido atrás do cervo branco na floresta encantada e não mais voltara. Ela ficou muito preocupada. Ele, entretanto, continuou a perseguir a presa, mas não conseguia capturá-la; por vezes chegava bem perto, mas sempre o cervo escapava com facilidade, e desaparecia na distância. Até que o príncipe percebeu que entrara muito na floresta, e tocou a trombeta, mas não recebeu resposta, pois sua comitiva estava muito longe e não podia ouvi-lo. E como a noite estava chegando, ele viu que não poderia voltar para casa naquele mesmo dia; desmontou do cavalo, acendeu uma pequena fogueira perto de uma árvore, e decidiu passar a noite ali. Enquanto estava sentado ao lado do fogo, com seus animais por perto, pareceu-lhe ouvir uma voz humana. Olhou ao redor, mas não encontrou nada. Pouco depois, ele ouviu um gemido vindo de cima, e olhou para o alto; viu então uma velha sentada num galho da árvore, que choramingava:



– Oh, oh, oh, como sinto frio!

Ele disse:

– Venha cá, e aqueça-se no fogo, se está com frio.

Mas ela disse:

– Não, os seus animais vão me morder.

Ele respondeu:

– Eles não te farão mal algum, mãezinha. Venha cá.

Ela, entretanto, era uma bruxa, e disse:

– Eu jogarei uma varinha aí embaixo, e se você tocar com ela no lombo dos animais, aí sim eles não me farão mal nenhum.

Ela jogou a varinha. Mal ele tocou o dorso dos animais com ela, imediatamente eles se transformaram em pedra. A bruxa, vendo-se salva dos animais, desceu da árvore, pegou a varinha, e transformou também o príncipe em pedra. Depois, dando uma gargalhada, carregou o príncipe e os animais para dentro de um fosso onde havia muitas outras pedras.

Como o príncipe não voltava, a angústia e a preocupação da princesa só aumentavam. E aconteceu então que, naquele tempo, o outro irmão – que rumara para o leste quando haviam se separado –, chegou àquele reino. Ele havia procurado emprego, mas não encontrara nenhum, e andara viajando para lá e para cá, e vivia de apresentar seus animais em público. Veio-lhe à mente que poderia ir ver como estava a faca que haviam enfiado no tronco de uma árvore quando se separaram. Quando chegou lá, viu que um lado da faca estava metade enferrujada e metade brilhante. Assustado, pensou: “Uma grande desgraça aconteceu a meu irmão, mas talvez eu possa salva-lo, já que metade da faca ainda não está enferrujada.” Ele e seus animais viajaram para o oeste, e logo que cruzou o portão da cidade, um guarda veio recebê-lo, perguntando se devia anunciar sua

chegada à sua jovem consorte, que havia passado os dois últimos dias em muita aflição pela ausência dele, e receava que estivesse morto. As sentinelas pensaram que ele fosse o príncipe, pois era igualzinho, e os animais ao redor dele também. Ele logo percebeu que estavam falando do seu irmão, e pensou: “Será melhor se eu me passar por meu irmão, assim poderei resgatá-lo mais facilmente.” Então ele se deixou conduzir pelos guardas ao castelo, onde foi recebido com grande alegria. A princesa realmente achava que ele fosse o seu marido, e perguntou-lhe por que ficara tanto tempo ausente. Ele respondeu:

– Eu me perdi na floresta, e não conseguia achar o caminho de volta.

À noite, ele foi levado ao leito real, mas colocou uma espada de dois gumes entre ele e a princesa; ela não entendeu o que aquilo significava, mas não ousou perguntar.

Ele permaneceu no castelo por dois dias, e nesse tempo perguntou sobre tudo o que era relacionado àquela floresta encantada; por fim, disse:

– Eu devo caçar lá mais uma vez.

O rei e a princesa quiseram dissuadi-lo, mas ele não os ouviu, e partiu com uma comitiva maior que a do irmão. Assim que entrou na floresta, aconteceu com ele o mesmo que acontecera ao irmão: ele viu o cervo branco e disse aos da comitiva:

– Aguardem aqui até que eu volte, eu quero caçar essa bela criatura.

E correu pela floresta e os animais correram atrás dele. Mas não conseguiu alcançar a caça, e se embrenhou tanto na floresta que foi obrigado a passar a noite nela. E assim que acendeu uma fogueira, escutou um gemido bem acima de si:



– Oh, oh, oh, como sinto frio!

Ele olhou para cima, e a mesma bruxa estava sentada num galho da árvore. Ele disse:

– Se está com frio, desça e venha aqui, mãezinha.

Ela respondeu:

– Não, os seus animais vão me morder.

Mas ele disse:

– Eles não lhe farão mal algum.

Então ela resmungou:

– Eu vou te jogar um varinha, e se você tocar os animais com ela, aí sim eles não me farão nenhum mal.

Ao ouvir isso, o caçador desconfiou da velha, e disse:

– Eu não farei isso. Venha cá embaixo, ou irei te pegar aí.

E ela gritou:

– O que está pensando? Você não pode tocar em mim!

Mas ele ameaçou:

– Se você não vier, eu atirarei em você.

Ela disse:

– Pode atirar, não tenho medo de suas balas!

Então ele mirou e atirou nela, mas a bruxa era à prova de balas de chumbo, e pôs-se a gargalhar e a gritar :

– Não você não pode me atingir!

O caçador, no entanto, sabia das coisas, e tirou do bolso do casaco três balas de prata, carregando sua arma com elas; a magia da bruxa era inútil contra balas de prata. Ele atirou, e a bruxa caiu dura no chão, com um grito de dor. O caçador colocou seu pé sobre a bruxa e disse:

– Velha bruxa, se você não dizer agora onde meu irmão está, eu vou jogá-la nessa fogueira, e você se queimará inteira.

Ela, morrendo de medo, implorou piedade e disse:

– Seu irmão e os animais estão em um fosso, transformados em pedra.

Então o caçador exigiu que ela lhe levasse até o dito fosso e, lá chegando, pôs-se a ameaça-la, dizendo:

– Velha maldita, faça meu irmão e todos os que estão aí voltarem à vida, senão você irá para a fogueira.

Ela pegou a varinha e tocou todas as pedras, e logo o irmão do caçador e seus animais voltaram à vida, bem como muitos outros: mercadores, artesãos, e pastores, que agradeceram ao caçador pela libertação e foram para suas casas. Mas quando os irmãos gêmeos se viram, eles se abraçaram e se alegraram muito. Então agarraram a bruxa, amarraram-na e lançaram-na ao fogo, e quando ela foi reduzida a cinzas, toda a floresta clareou e ficou mais luminosa, e dava até para ver o castelo dali, a três horas de distância.

Os dois irmãos voltaram juntos para casa, e durante o caminho cada um contou suas aventuras. E quando o mais novo relatou que ele era o governante de todo o país, e herdeiro do rei, o outro observou:

– Isso eu notei bem, pois quando cheguei na cidade, fui tomado por ti, e me prestaram todas as honras reais; até a princesa achou que eu fosse você, e tive de comer ao lado dela e deitar-me com ela.

Quando o outro ouviu tal coisa, ficou tão ciumento e raivoso que tirou a espada e degolou seu irmão. Mas quando o viu cair morto e seu sangue jorrar, arrependeu-se profundamente.

– Meu irmão salvou minha vida – lamentou ele – e em troca eu o matei.

Então a lebre se ofereceu a ir buscar a raiz mágica da vida, e

foi e voltou a tempo, e logo o homem morto foi ressuscitado, sem tomar conhecimento da ferida.

Continuaram o caminho e o mais novo disse:

– Você é igual a mim, está vestido com trajes de rei como eu, e os animais te seguem assim como os meus a mim; vamos entrar na cidade por portões diferentes, e chegar ao mesmo tempo na frente do castelo.

E assim eles se separaram. Dessa forma, a sentinela de um portão, bem como a do outro, foi anunciar a chegada do príncipe, retornando da caçada. O rei não achou possível que as duas sentinelas o pudessem ter avistado, já que um portão ficava a uma hora de distância do outro. No entanto, os dois irmãos alcançaram o pátio do castelo por lados diferentes, e ambos subiram as escadas. O rei disse à princesa:

– Diga-me, qual deles é o seu marido? Eles são completamente iguais, não posso saber qual é o verdadeiro.

Ela também estava muito confusa, e não podia dizer. Mas lembrou-se do colar que distribuía entre os animais, e ao olhar viu o fecho de ouro num dos leões, e disse alegremente:

– Aquele que é seguido por esse leão é o meu marido.

Então o jovem príncipe sorriu e disse:

– Sim, acertou!

E sentaram-se à mesa, comeram e beberam, e estavam felizes. À noite, quando o príncipe foi dormir, a princesa perguntou:

– Por que você colocou uma espada de dois gumes na nossa cama, durante essas últimas noites? Eu pensei que você queria me matar.

E então ele soube o quanto o seu irmão lhe fora fiel.





**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal

